

TRADUÇÃO CENTRADA NO USUÁRIO E FORMAÇÃO EM TRADUÇÃO AUDIOVISUAL ACESSÍVEL: UM ESTUDO DE CASO

USER-CENTERED TRANSLATION AND TRAINING IN MEDIA ACCESSIBILITY: A CASE STUDY



Manoela Cristina da SILVA
Professora associada
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/1401867652891934>
<https://orcid.org/0000-0002-9613-6783>
mcsilva@ufba.br

Resumo: Ao longo dos anos, o estudo da recepção vem ganhando cada vez mais destaque no campo da Tradução Audiovisual (TAV), especialmente no que tange às modalidades mais diretamente associadas à acessibilidade midiática. Contudo, essa preocupação com a audiência nem sempre tem sido contemplada pelos modelos adotados para a formação dos futuros tradutores. Neste texto, apresentamos a Tradução Centrada no Usuário (TCU), desenhada por Tytti Suojanen, Kaisa Koskinen e Tiina Tuominen, como uma proposta para a solução desse problema. Para tanto, explicamos o modelo proposto por suas autoras e, em seguida, ilustramos sua aplicação através da análise e discussão de uma experiência formativa realizada com alunas de graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Ao final da experiência, as alunas relataram ganhos envolvendo tanto a roteirização, quanto a revisão e a edição, além de destacarem o trabalho com habilidades de relacionamento interpessoal e o contato com representantes do público-alvo. Esses resultados nos levam a acreditar que a TCU permite uma prática crítica, reflexiva e colaborativa, que garante maiores chances de sucesso no atendimento das necessidades e preferências dos usuários finais. Desse modo, esperamos contribuir para a popularização da TCU e para a conscientização da importância da adoção de práticas centradas no usuário na formação de tradutores, instigando o debate acerca de novos modelos de formação em Tradução Audiovisual Acessível (TAVA).

Palavras-chave: Acessibilidade Midiática. Tradução Audiovisual Acessível. Formação de Tradutores. Tradução Centrada no Usuário. Audiodescrição.

Abstract: Over the years, the study of reception has gained more and more prominence in the field of Audiovisual Translation (AVT), especially in the case of the modalities most directly associated with media accessibility. However, this attention to the audience has not always been addressed by the models adopted for translators' training. In this text, we present User-Centered Translation (UCT), designed by Tytti Suojanen, Kaisa Koskinen and Tiina Tuominen, as a proposal to solve this problem. To this end, we explain the UCT model and then illustrate its application through the analyses and discussion of a training experience carried out with undergraduate students from Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. At the end of the experience, the students reported gains involving both scriptwriting, reviewing and editing, in addition to highlighting the work with interpersonal relationship skills and the contact with members of the target audience. These results lead us to believe that UCT allows for a critical, reflective and collaborative practice, which guarantees greater chances of success in meeting the needs and preferences of the end users. Therefore, we hope to contribute to the popularization of UCT and to raise awareness to the importance of adopting user-centered practices in the training of translators, instigating the debate about new training models in Media Accessibility (MA).

Keywords: Media Accessibility. Accessible Audiovisual Translation. Translator Training. User-Centered Translation. Audio Description.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

A Tradução Audiovisual Acessível (TAVA) é a subárea da Tradução Audiovisual (TAV) que lida com aquelas modalidades mais tradicionalmente associadas à acessibilidade, já que procuram vencer não só barreiras linguísticas, mas também sensoriais. A audiodescrição (AD), a legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) e a tradução audiovisual em língua de sinais (TALS) são as modalidades de TAVA mais conhecidas. Todas têm em comum o fato de serem modos de tradução bastante assimétricos, já que, em geral, os tradutores não fazem parte do público-alvo.

Tomemos o exemplo da AD, que transforma imagens em palavras e cujo público-alvo primário é formado por pessoas cegas ou com baixa visão. Nesse caso, audiodescritores videntes traduzem obras para pessoas com deficiência visual (PCDVs); obras essas originalmente criadas por videntes e para videntes. Isso exige do tradutor que ele se familiarize com o universo dos usuários finais para que a AD possa atender suas necessidades e preferências. É por isso também que existem profissionais como os consultores, PCDVs que participam do processo de tradução ou analisam roteiros de AD finalizados para garantir sua efetividade. Não é por acaso, portanto, que o Funcionalismo tenha sido usado por alguns autores (Silva, 2009; Vercauteren, 2014) como paradigma para demonstrar a natureza tradutória e as especificidades da AD, já que para os funcionalistas o *para quê* e, conseqüentemente, o *para quem* determinam em grande medida o *como* de uma tradução (Reiss & Vermeer, 1996).

Contudo, o peso do público-alvo no processo tradutório não é exatamente uma característica exclusiva da AD ou sequer da TAVA: “Outra grande mudança na abordagem da TAV remonta à década de 1980 e se caracteriza por um forte foco nos usuários em oposição aos textos”¹ (Perego & Pacinotti, 2020, p. 50, tradução nossa). É a partir daí que pesquisas empíricas ganham força na área da TAV e estudos começam a buscar evidências quanto às preferências da audiência em relação a certas modalidades e soluções tradutórias. E essa tendência só vem se fortalecendo ao longo dos anos.

Atualmente, a interatividade² é muito maior e para estar à frente da concorrência os produtores de conteúdo precisam estreitar sua relação com seus espectadores. No passado, “a principal premissa era a de que os fabricantes é quem detinham o conhecimento e que os usuários não tinham lugar, nem seu conhecimento qualquer valor no processo de design”³ (Greco, 2018, p. 212, tradução nossa). Hoje, sabemos que a *expertise* do público-alvo não pode ser ignorada e que um dos melhores caminhos para evitar o insucesso do produto final reside em ouvir a audiência. Tudo isso gerou “uma mudança das abordagens centradas no fabricante

para as *centradas no usuário* [grifo do autor]”⁴ (Greco & Jankowska, 2020, p. 66, tradução nossa).

Reflexos dessa mudança de mentalidade podem, inclusive, explicar algumas das novas tendências sendo adotadas por estudiosos da TAV. Cada vez mais artigos e livros são dedicados às pesquisas de recepção, como o *Reception Studies and Audiovisual Translation*, organizado por Di Giovanni e Gambier, publicado em 2018. Além disso, vários estudos têm lançado mão de pesquisas experimentais para analisar as reações dos espectadores diante de materiais traduzidos através de rastreadores oculares, eletroencefalogramas, eletrocardiogramas, aparelhos para medição da resposta galvânica da pele⁵ etc.:

Nesse sentido, os estudiosos da TAV têm se mostrado cada vez mais dispostos a confiar na tecnologia e na análise estatística para interrogar os dados sob escrutínio, e o estudo da recepção e do processo tornou-se fundamental para o intercâmbio acadêmico atual, com o espectador se tornando o ponto focal da investigação. A pesquisa experimental baseada na investigação empírica tornou-se, assim, um dos desenvolvimentos relativamente recentes na TAV, pois os acadêmicos não se contentam mais em apenas descrever um determinado estado de coisas ou tomar como certas as premissas herdadas que foram transmitidas sem contestação na literatura. Em vez disso, os estudiosos contemporâneos da TAV estão ansiosos para testar a validade de suas teorias experimentalmente, para explorar o esforço cognitivo envolvido no processo tradutório ou para descrever os efeitos que as práticas da TAV têm nos vários grupos heterogêneos que compõem o público, nos futuros tradutores e em profissionais que atuam na área e, nessas atividades, exploram metodologias biométricas, novas tecnologias e ferramentas de análise de dados estatísticos. (Baños & Díaz-Cintas, 2018, p. 21, tradução nossa)⁶

E como esses novos desdobramentos têm influenciado a formação de tradutores, especialmente daqueles interessados no trabalho com modalidades como a AD, a LSE e a TALS? Diante da importância do público-alvo e da assimetria desses modos de tradução, a reprodução de velhas fórmulas, como a prática da tradução que apenas passa pelo crivo de um professor, é suficiente para preparar os futuros profissionais? E o que dizer do trabalho em equipe, com a colaboração de consultores, tão comum no mercado de trabalho? Os futuros profissionais estão sendo treinados para lidar com isso, para trabalhar com e para pessoas com deficiência?

Infelizmente, essas preocupações nem sempre têm sido contempladas pelos modelos usualmente adotados para a formação dos futuros tradutores. A prática pedagógica transmissionista, individualista e centrada no ensino, criticada por teóricos como Don Kiraly (2000), ainda perdura. Novas saídas, que enfatizem práticas colaborativas, experienciais e centradas no aluno, precisam ser desenhadas com urgência para garantir que os futuros profissionais desenvolvam as competências necessárias e estejam suficientemente familiarizados com as necessidades do público-alvo, especialmente porque a demanda por produtos acessíveis só tende a crescer. A não adoção de um modelo alternativo pode, inclusive, gerar a reprodução de uma mentalidade capacitista, como aponta uma pesquisa conduzida entre estudantes do *Máster Universitario en Traducción Audiovisual* da Universidade Autônoma de Barcelona:

4

Alguns alunos empregaram linguagem controversa e tendenciosa. . . . depois de ter concluído quase todo o programa, a vasta maioria dos alunos exibiu uma mentalidade preconceituosa. Uma mentalidade que poderia potencialmente ignorar, aceitar ou mesmo produzir práticas discriminatórias, porque esses cursos formam os pesquisadores, profissionais e formuladores de políticas do futuro. Essas evidências indicam a necessidade de uma revisão curricular completa na formação e nos cursos de treinamento. (Greco & Jankowska, 2020, p. 73, tradução nossa).⁷

No entanto, a viabilidade de qualquer nova proposta precisa ser testada empiricamente através de experiências formativas que possam ser discutidas e analisadas não só por aqueles diretamente envolvidos, mas também por formadores de tradutores em geral. Este é precisamente o nosso objetivo. Neste artigo, nos propomos a apresentar a *User-Centered Translation* (UCT), a qual passaremos a denominar de Tradução Centrada no Usuário (TCU), como uma proposta para o trabalho com tradutores em formação na área da TAVA. Inicialmente, discutiremos sobre a TCU, explicando o modelo. Em seguida, apresentaremos o contexto e a metodologia adotada para o estudo de caso. Por fim, demonstraremos a aplicação da TCU através da análise e discussão de uma experiência formativa em audiodescrição realizada com alunas de graduação integrantes do grupo de pesquisa Tradução e acessibilidade (TrAce) do Instituto de Letras da UFBA (ILUFBA).

A Tradução Centrada no Usuário

A ideia de que se deva considerar os receptores do texto meta ao se realizar uma tradução não é nova. Dicotomias tão antigas quanto “equivalência formal” versus “equivalência dinâmica” ou “estrangeirização” versus “domesticação” propostas por Nida e Venutti, por exemplo, podem ser entendidas como escolhas grandemente motivadas pelo peso atribuído ao polo receptor. Contudo, mesmo quando, em teoria, a importância da audiência é reconhecida, na prática, o público-alvo tende a ser apenas uma parte implícita do processo tradutório, mais um dos vários detalhes de um *briefing*⁸: “Os críticos têm perguntado como os tradutores sabem o que o público espera de uma tradução. De fato, é fácil falar sobre as expectativas do público, mas muito mais difícil obter provas empíricas do que o público . . . realmente espera”⁹ (Nord, 2012, p. 32, tradução nossa).

A TCU pretende ser um caminho viável para resolver esse problema. Ela se propõe a transformar a audiência, suas necessidades e preferências em algo mais tangível, além de instrumentalizar uma participação mais ativa dos receptores no processo tradutório: “A TCU significa que coletamos o máximo de informações possíveis sobre nossos futuros usuários através de métodos variados durante todo o processo tradutório, e que desenhamos e revisamos a tradução com base nessas informações”¹⁰ (Suojanen et al., 2015, p. 01, tradução nossa).

A TCU foi apresentada ao público por suas autoras, Tytti Suojanen, Kaisa Koskinen e Tiina Tuominen, num livro publicado em 2012 em finlandês. O livro foi, então, atualizado e expandido, sendo publicado em inglês em 2015 sob o título *User-Centered Translation*. O modelo segue a tradição das teorias funcionalistas, apresentando um caráter prospectivo, orientado em direção à finalidade/objetivo (*skopos*) do texto meta, com o diferencial de tentar aliar os Estudos de Usuários e Estudos de Usabilidade aos Estudos da Tradução. Por isso, dois conceitos são centrais para a TCU: a usabilidade e a experiência do usuário.

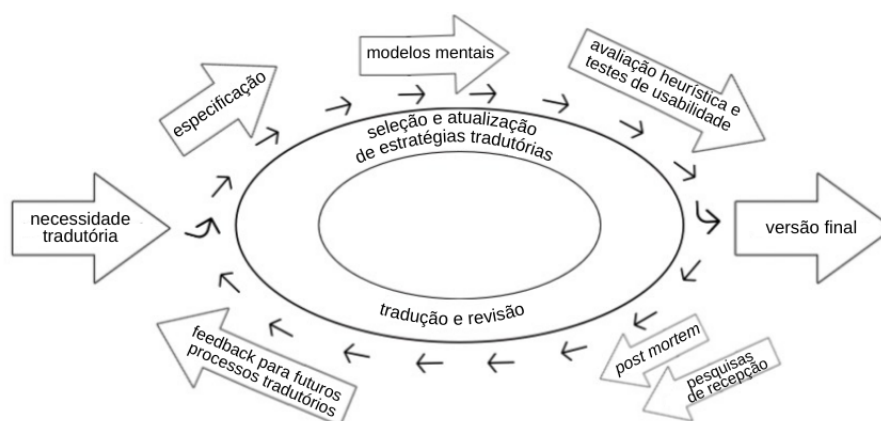
A usabilidade se refere à facilidade com a qual as pessoas podem usar algo para atingir seus objetivos. Já a experiência do usuário está relacionada ao quão satisfatória essa tarefa pode ser. No caso de um texto, por exemplo, a legibilidade (*legibility*), a leiturabilidade (*readability*), a inteligibilidade (*comprehensibility*) e a acessibilidade (*accessibility*)¹¹ são essenciais para a usabilidade; enquanto questões estéticas e o prazer advindo do contato com o texto estão ligados à noção de desfrute da experiência do usuário (Suojanen et al., 2015).

Tomando como exemplo a legendagem, a legibilidade do texto estaria ligada a elementos como o tipo, tamanho e cor da fonte escolhidos; a leiturabilidade dependeria do número de caracteres e linhas usados, bem como da segmentação empregada; a inteligibilidade

seria determinada pela coesão e coerência do texto, bem como pelas estratégias usadas para dar conta de diferenças culturais; e, por fim, a acessibilidade seria determinada pelos esforços empreendidos para que o texto fosse acessível a todas as pessoas, independentemente de suas habilidades, o que poderia envolver recursos como a LSE ou a audiolegendagem, por exemplo. Quanto maior a usabilidade de uma legenda, portanto, menor seria o esforço de leitura, o que contribuiria, por sua vez, para a imersão do espectador e a sensação de prazer oriunda da experiência. Desse modo, segundo o modelo da TCU, o objetivo do tradutor deve ser o de alcançar altos índices de usabilidade para tornar a tradução o mais eficaz possível e, conseqüentemente, gerar uma experiência do usuário também positiva.

Em termos práticos, como a TCU funciona? Como pontuado anteriormente, as informações sobre os usuários são coletadas iterativamente ao longo de todo o processo e são usadas para criar o texto meta. Além da tradução, a revisão e a avaliação estão incluídas no modelo e também são feitas de modo não linear. O processo pode ser representado pela ilustração a seguir, adaptada da imagem apresentada pelas próprias autoras em seu livro:

Figura 1 — Ciclo da Tradução Centrada no Usuário



Fonte: Elaboração Própria

No centro do modelo, representado pelo círculo interno, estão os processos de tradução e revisão. As estratégias adotadas e as soluções encontradas são constantemente reavaliadas de acordo com o conhecimento adquirido no projeto em andamento e em projetos anteriores. O círculo interno é alimentado pelas ferramentas e métodos que compõem o círculo externo (Suojanen et al., 2015).

O processo tradutório é desencadeado por uma **necessidade tradutória** (*translation need*). A TCU parte do pressuposto de que há uma necessidade comunicativa a ser atendida através da tradução e, por conseguinte, que se faz necessário definir e descrever os usuários

finais o quanto antes, a fim de se assegurar que a tradução venha a atender às suas necessidades e expectativas (Suojanen et al., 2015).

Em geral, essas informações são fornecidas na fase da **especificação** (*specification*). No início do projeto, além de assinalar quem são os usuários finais, os envolvidos (clientes, tradutores etc.) determinam o nível de usabilidade a ser alcançado, bem como que recursos da TCU serão usados, como e quando. Esse processo requer negociações e alinhamento de opiniões, uma vez que a especificação não se baseia apenas nos desejos do cliente, mas também no *input* gerado pela *expertise* do(s) tradutor(es). A especificação é especialmente importante porque, ao final do processo, a qualidade da tradução é medida a partir do quanto a especificação do trabalho foi atendida (Suojanen et al., 2015).

Depois que todo o conhecimento prévio sobre os usuários finais é compartilhado durante a fase da especificação, o(s) tradutor(es) faz(em) uso de vários **modelos mentais** (*mental models*) para criar uma visão mais clara dessa audiência. Para tanto, podem ser usados métodos como o desenvolvimento de *personas*¹² (Suojanen et al., 2015).

À medida que o processo tradutório ocorre, a usabilidade da tradução é avaliada repetidamente e, se necessário, as estratégias tradutórias adotadas são revistas por meio de ferramentas como a **avaliação heurística** (*heuristic evaluation*) e os **testes de usabilidade** (*usability testing*). A avaliação heurística é realizada por especialista(s) com base em diretrizes específicas, como guias e normas da área. No caso dos testes de usabilidade, usuários em potencial travam contato com o texto traduzido e realizam tarefas típicas enquanto são observados (Suojanen et al., 2015).

Na fase **post mortem** (*post-mortem*), depois que todo o ciclo tradutório é completado, a equipe reflete sobre sua performance e produz um relatório. Esse relatório contém não só o texto final, como a descrição de todo o processo para a criação do relato, destacando pontos positivos e áreas a serem melhoradas. Esse documento fornece informações valiosas para o próximo ciclo tradutório de um mesmo projeto e/ou para projetos futuros (Suojanen et al., 2015).

Contudo, o processo não acaba quando a tradução é entregue ao cliente. O texto final pode servir como base para **pesquisas de recepção** (*reception research*). Os achados desses estudos, então, fornecem **feedback** (*feedback*) para novos projetos de tradução, aliados às informações presentes no relatório *post mortem* e nos comentários recebidos de clientes ou usuários finais, mesmo quando não formalmente solicitados¹³ (Suojanen et al., 2015).

A abordagem desenhada pela TCU, portanto, é bastante rica. Contudo, suas autoras deixam claro que, como cada projeto tradutório tem suas especificidades, nem sempre será possível o emprego de todas as ferramentas e estágios propostos. Ainda assim, mesmo quando o modelo é usado parcialmente, as chances de melhor atender os anseios da audiência aumentam significativamente. Isso parece ser ratificado, inclusive, pelo mercado de TAV, que já vem utilizando práticas semelhantes às aquelas desenhadas pelas autoras antes mesmo do surgimento da TCU.

A criação e a localização de games, por exemplo, passa por diferentes fases de desenvolvimento (versões *alfa*, *beta*, *release* e *gold*) e conta com a participação ativa de potenciais jogadores que realizam testes em diferentes estágios do processo para garantir a usabilidade do produto final, dando feedback tanto em relação a questões técnicas quanto culturais. No caso da AD, LSE e TALS, essa tarefa é exercida pelos consultores, pessoas com deficiência que trabalham conjuntamente com os tradutores na criação dos textos meta ou dão feedback com relação a essas traduções. Além disso, no caso da TAVA, as pesquisas de recepção são uma constante, retroalimentando a área e mostrando a validade do diálogo entre a academia e o mercado.

Contudo, apesar da validade da adoção dessas ferramentas, o potencial da TCU ainda permanece subaproveitado no Brasil, pois uma das características mais interessantes do modelo é a sua utilidade para a formação de tradutores, especialmente aqueles interessados na acessibilidade midiática. Por isso, como forma de incentivar outras iniciativas nesse sentido, compartilhamos a seguir uma experiência formativa em audiodescrição com base no ciclo proposto pela TCU. Contudo, antes do início de nosso relato propriamente dito, apresentamos o contexto do estudo e a metodologia empregada.

O Contexto e a Metodologia do Estudo

O curso de graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia conta com habilitações em licenciatura e bacharelado e tem como principal objetivo a formação de professores de português e/ou língua estrangeira para atuação no ensino médio e fundamental. Apesar de não ser, portanto, um curso que se propõe a formar tradutores, muitos de seus discentes têm interesse na área e almejam vagas nas linhas de pesquisa ligadas aos Estudos de Tradução dos dois programas de pós-graduação da instituição: Estudos de Tradução Cultural e Intersemiótica (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura - PPGLitCult) e Aquisição

de Línguas, Tradução e Acessibilidade (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura - PPGLinC).

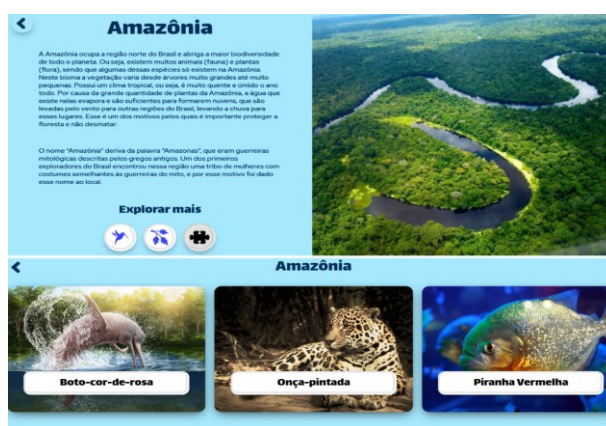
Como não existem muitas disciplinas ligadas à tradução na grade do curso, uma das alternativas para os alunos que se interessam pela área é a participação em grupos de pesquisa que se dedicam à temática, como é o caso do TrAce. Seus membros, além de desenvolverem projetos de pesquisa individuais (TCCs, dissertações, teses etc.), participam de projetos de acessibilização de materiais para construir conhecimento não só a partir da teoria, mas também da prática. A perspectiva adotada é aquela da aprendizagem baseada em projetos de Kiraly (2000), na qual tarefas de caráter autêntico são desenvolvidas a partir de uma ótica experiencial e colaborativa:

O objetivo é contribuir para o surgimento de pensadores independentes, solucionadores competentes de problemas heurísticos e tradutores conhecedores do assunto que emergem de seus estudos como neoprofissionais, com um profundo conhecimento da panóplia de habilidades e competências que podem esperar encontrar no mundo que ultrapassa a torre de marfim. (Esqueda et al., 2023, p.15)

9

Em 2020, durante o período da pandemia, o grupo foi contatado por duas graduandas de Ciências Biológicas da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Daniela Mayumi Kita e Mariana Pupo Cassinelli, que estavam desenvolvendo um aplicativo e desejavam torná-lo acessível também ao público com deficiência visual. O aplicativo, chamado IaraApp, buscava promover a educação ambiental a crianças de oito a dez anos e estava sendo idealizado como uma ferramenta de apoio para o ensino de Ciências na Educação Básica.

Figura 2 — Telas do bioma Amazônia no IaraApp



Fonte: IaraApp

O TrAce, então, deu início à audiodescrição das imagens do *app*, projeto que contou com a participação voluntária de três alunas de graduação dos cursos de Letras do ILUFBA, bem como de dois consultores em AD; todos integrantes do grupo de pesquisa. A equipe também incluiu a coordenadora do grupo, responsável pela supervisão dos trabalhos e a revisão das ADs realizadas pelas alunas e analisadas pelos consultores. É importante frisar que, nesse caso, o papel dos consultores e sua interação com as alunas procurou espelhar a atuação desses profissionais no mercado; uma vez que o projeto não se tratava de uma pesquisa de recepção, mas de uma experiência formativa.

Quanto ao perfil dos integrantes da equipe, as alunas de graduação já haviam feito cursos de extensão de curta duração (treinamentos de cerca de 36 horas) sobre AD oferecidos pela coordenadora do grupo e/ou cursado uma disciplina sobre TAV na qual essa modalidade de tradução havia sido apresentada. Apesar disso, elas contavam com pouquíssima experiência prática na audiodescrição de imagens, afora os exercícios sobre AD realizados na disciplina e cursos mencionados. Entretanto, todas manifestavam o desejo de aprender mais sobre a AD para poderem utilizá-la no futuro, tanto em sala de aula como em possíveis projetos de pesquisa. Os consultores tinham um perfil diferente. Ambos eram profissionais com experiência de mercado, sendo um deles uma pessoa cega da região Nordeste e o outro uma pessoa com baixa visão da região Sul. Já a coordenadora do grupo, que atuava na instituição tanto na área de formação de professores quanto na de tradução, contava com larga experiência como audiodescritora, pesquisadora em AD e treinadora de audiodescritores.

Como o grupo de pesquisa já vinha estudando a TCU, o projeto foi utilizado para analisar a aplicação prática dos princípios delineados por essa abordagem e suas implicações para a formação em TAVA. Por isso, o início da coleta dos dados ocorreu concomitantemente ao próprio começo do processo de acessibilização do aplicativo. Para tanto, os arquivos referentes às diversas etapas do projeto tradutório (tanto as versões preliminares quanto as finais)¹⁴ foram cuidadosamente arquivados. Além disso, as graduandas foram estimuladas a opinar sobre o processo tradutório e seus reflexos para a sua capacitação em AD.

Nossa análise e discussão, portanto, estão baseadas no exame desses arquivos e relatos, contando com um caráter qualitativo e se constituindo num estudo de caso único, descritivo (Yin, 1993) e instrumental (Stake, 1999). Ele é único por ter como foco uma unidade, ou seja, é o estudo de um único caso. É descritivo por se debruçar na descrição de um fenômeno inserido em seu contexto. E é também instrumental por tentar, através da compreensão de um caso

particular, lançar luz sobre uma problemática mais ampla. A seguir, descrevemos e analisamos esse caso particular.

A Audiodescrição do IaraApp

Como preconizado pela TCU, o processo tradutório em estudo foi desencadeado por uma **necessidade tradutória** (*translation need*): as alunas da UNESP precisavam tornar o IaraApp acessível a pessoas cegas ou com baixa visão através da audiodescrição. A autenticidade da tarefa, gerada a partir dessa necessidade real, contribuiu para agregar maior motivação ao trabalho das tradutoras em formação e para simular, ainda que de modo tímido, a dinâmica da relação com um cliente, estimulando a adoção de uma postura profissional e ética.

Durante os encontros da fase de **especificação** (*specification*), o público-alvo primário da AD foi definido em maiores detalhes, assim como as funções e contextos de uso do aplicativo. Nesse caso, o *app* seria audiodescrito para crianças brasileiras cegas ou com baixa visão de oito a dez anos de forma a possibilitar seu uso independente. Apesar de poder ser utilizado fora do contexto escolar e conter aspectos de gamificação¹⁵, seu uso prioritário seria o de suporte ao ensino de Ciências na Educação Básica. A partir dessas informações, foi possível, então, definir mais claramente o estilo das ADs. As descrições deveriam ser: a) concisas, respeitando o período de atenção mais baixo do público infantil e evitando um tempo de uso muito discrepante em relação aos colegas videntes caso o aplicativo fosse utilizado em sala de aula; b) simples (sem ser simplórias), não subestimando a capacidade intelectual das crianças; e c) informativas, enfatizando o caráter educativo do *software* e contribuindo para o enriquecimento do vocabulário dos usuários.

Esse escopo (o *para quê* e o *para quem* do projeto tradutório), inclusive, foi apontado pelas alunas como um dos destaques do projeto. Como as tradutoras em formação se interessavam pelo exercício da docência na Educação Básica, objetivo primordial da graduação que estavam cursando, a oportunidade de estudar mais a fundo a tradução para o público infantil e trabalhar com descrições de caráter educativo voltadas para crianças se mostrou especialmente útil para elas. A experiência garantiu, de acordo com seus relatos, além de capacitação na área de tradução, maior segurança para incorporar a AD a suas práticas de sala de aula.

Ainda durante a fase de **especificação** (*specification*), foram feitos os acordos iniciais a respeito dos prazos, procedimentos e etapas do projeto. Todo o processo de acessibilização

durou um ano, de junho de 2020 a junho de 2021. Uma série de fatores contribuíram para isso. Em primeiro lugar, o próprio aplicativo ainda estava em desenvolvimento e as ADs eram realizadas à medida que as imagens eram criadas. Além disso, o número de imagens era relativamente elevado e as alunas responsáveis pelo trabalho precisavam conciliar a atividade com diversos outros compromissos. Por fim, como um dos objetivos do projeto era a capacitação das tradutoras voluntárias, era preciso garantir a elas a oportunidade de receberem feedback dos roteiros escritos e momentos para esclarecimento de dúvidas e discussão de estratégias a serem adotadas.

Essa maior flexibilidade em termos de prazos não é uma realidade facilmente encontrada no mercado de trabalho, onde tradutores enfrentam condições de estresse e pressão, mas foi essencial para o sucesso do projeto, tendo em vista o seu caráter formativo. No entanto, é importante frisar que, mesmo trabalhando com prazos mais longos, as tradutoras em formação foram obrigadas a cumprir metas e a respeitar as datas estipuladas para a entrega dos roteiros de AD, uma vez que o não cumprimento desses prazos traria sérios prejuízos ao desenvolvimento do *app* e à conclusão do curso das alunas da UNESP. Isso exigiu das tradutoras em formação organização, agilidade, disponibilidade e disposição, todas competências importantes para audiodescritores.

As decisões da fase de **especificação** (*specification*) foram tomadas em conjunto com as idealizadoras do *software* e o fato de elas estarem verdadeiramente interessadas na temática da acessibilidade e abertas às recomendações do TrAce foi primordial para que procedimentos importantes, mesmo que dispendiosos em termos de tempo, como as diversas revisões dos textos, pudessem ser realizados. Essa abertura também permitiu que o grupo de pesquisa pudesse fazer sugestões para além da própria AD, interferindo no design do aplicativo, a fim de garantir maior usabilidade ao produto. O grupo sugeriu, entre outras mudanças, por exemplo, que os ícones visuais usados para indicar se as respostas a um *quiz* estavam corretas ou não fossem substituídos por sinais sonoros na versão com audiodescrição.

O fato de estar trabalhando com um produto não finalizado permitiu às tradutoras em formação perceber a importância das questões de pré e pós-produção. Além do domínio do aparato tecnológico para roteirização, do conhecimento profundo da teoria e da prática da AD, da criatividade e da sensibilidade linguísticas, futuros audiodescritores também precisam se preocupar com questões que transcendem seus roteiros. Por isso, eles devem procurar desenvolver competências ligadas, por exemplo, à captação de recursos (conhecimento da legislação, capacidade de elaboração de projetos culturais e de inscrição em editais etc.) e à

própria operacionalização da acessibilidade midiática (preocupação com um espaço acessível, produção de material complementar em braile e fonte ampliada etc.). Isso irá garantir que possam atuar em contextos variados e que estejam prontos não só a audiodescrever imagens, mas também a aconselhar seus clientes quanto às condições necessárias para que a usabilidade dessas ADs seja assegurada.

Ao participar da acessibilização do IaraApp, as tradutoras voluntárias puderam vivenciar essa realidade na prática, trazendo sugestões para aprimorar a experiência das crianças com o aplicativo de modo geral. Além disso, elas experimentaram trabalhar com um “cliente” que optou por incluir a AD desde a fase de concepção do produto, não apenas na pós-produção, como comumente ocorre no mercado. E as vantagens dessa prática para a qualidade das ADs foram pontuadas pelas alunas em falas durante reuniões do grupo de pesquisa.

Após a fase de **especificação** (*specification*) e depois que o perfil do público-alvo foi definido, discussões a esse respeito foram realizadas durante as reuniões do grupo de pesquisa e um rápido curso de extensão de 36 horas sobre a AD de imagens dinâmicas voltada para o público infantil foi desenhado. O objetivo era familiarizar os integrantes do projeto, além dos demais membros do TrAce, com a AD de vídeos e a tradução para crianças. Até o início do projeto, as tradutoras em formação só haviam trabalhado com a AD de imagens estáticas. No entanto, o aplicativo contava não só com fotos, desenhos e mapas, mas também com vídeo. O curso proporcionou o treinamento necessário não só nesse sentido, como ainda contato teórico-prático com a tradução para o público infantojuvenil.

Quanto aos vários **modelos mentais** (*mental models*) sugeridos pela TCU, o estudo do público-alvo contribuiu para solidificar o foco na audiência primária, suas necessidades e preferências, mas também permitiu ao grupo perceber a existência de outros usuários que mereciam atenção, especialmente os professores. Como o IaraApp havia sido idealizado primariamente como uma ferramenta de apoio para o ensino, suas criadoras já haviam pensado na elaboração de um guia para os docentes que quisessem explorá-lo durante as aulas. Então, ao audiodescrever um mapa, o grupo procurou tirar vantagem disso, sugerindo que a AD fosse acompanhada por recursos táteis, como uma versão do mapa com bordas em alto relevo que poderia ser criada pelos próprios professores. Desse modo, a AD do mapa foi desenhada para servir de guia para a exploração tátil desse material e as idealizadoras do *app* adicionaram essa indicação ao material destinado aos docentes; sendo essa mais uma instância na qual a consultoria do grupo extrapolou os limites da mera audiodescrição das imagens.

Quanto ao processo de criação dos roteiros, a dinâmica utilizada para a criação das ADs procurou garantir que as alunas envolvidas pudessem lucrar ao máximo com a experiência. Desse modo, a maioria das imagens foi audiodescrita individualmente pelas três e cada uma dessas traduções passou pela **avaliação heurística** (*heuristic evaluation*) da coordenadora do grupo. Essa análise foi feita com base na experiência pessoal da docente, que contava à época com mais de quinze anos como audiodescritora, e nas recomendações presentes em guias e normas da área. Em seguida, para a criação do texto final de cada AD, uma versão única com as contribuições das alunas e as sugestões da coordenadora foi submetida ao crivo dos consultores do TrAce numa espécie de **teste de usabilidade** (*usability testing*) para que qualquer alteração necessária pudesse ser realizada. A título de ilustração, trazemos aqui uma das versões iniciais, criada por uma das tradutoras em formação, para o *card* de divulgação do aplicativo e a versão final do mesmo material:¹⁶

Figura 3 — *Card de divulgação com ADs correspondentes*



VERSÃO INICIAL

Ilustração em fundo verde de um quadro de Iara, uma garota indígena, acenando ao ar livre em um dia ensolarado, para divulgação do app Iara. Acima do quadro, no canto superior esquerdo, um quadrado azul escrito em maiúsculo: IARA APP. No quadro, Iara está em pé em um gramado esverdeado e olha para frente. Tem cabelos pretos e lisos na altura dos ombros, em sua cabeça uma espécie de faixa artesanal com design em padrão triangular nas cores laranja e marrom e uma pena azul colada nela pelo lado direito. Tem olhos redondos e pretos, esboça um sorriso singelo, suas bochechas estão pintadas com um triângulo horizontal vermelho com a base aberta na direção oposta ao nariz e um ponto no meio. Atrás de sua cabeça uma nuvem branca. Ela acena com o braço esquerdo erguido. Iara usa um top em tom de verde, duas faixas nos braços de mesma cor, uma saia laranja e uma faixa no mesmo tom de verde na perna esquerda. Do lado direito do quadro, no canto superior, o sol e, abaixo dele, a frase em negrito: “Oi, vamos conhecer a natureza comigo?”. No canto inferior esquerdo, um balão de texto escrito: LEIA A DESCRIÇÃO PARA SABER MAIS!”.

VERSÃO FINAL

Card de divulgação do IARA App. No canto superior esquerdo, em um quadrado azul, o nome do aplicativo em letras pretas. Mais ao centro, sobre um fundo verde claro, outro quadrado com uma ilustração da Iara, sorridente, de pé em um campo num dia ensolarado. Iara é uma menina indígena magra e de pele morena. Tem cabelos negros

e lisos, na altura dos ombros, e olhos pretos e arredondados. Nas bochechas, tem pinturas vermelhas em formato de V. A menina usa um cocar com uma pena de arara-azul, um top no formato de uma faixa verde e um saiote laranja. Nos braços e em seu tornozelo esquerdo, faixas finas na mesma cor do top. Seu braço esquerdo se movimenta levemente para cima e para baixo, dando a impressão de que está acenando. À sua direita, em letras pretas: “Oi, vamos conhecer a natureza comigo?”. No canto inferior esquerdo do card, em um retângulo marrom, a frase “Leia a descrição para saber mais!” em letras pretas.

Fonte: IaraApp

Os consultores, um cego e outro com baixa visão, um da região Nordeste e outro da região Sul, ambos com experiência profissional em consultoria na área de AD, avaliaram a adequação dos textos ao público com deficiência visual, bem como o seu potencial para a criação de imagens mentais acuradas. Considerando que o aplicativo poderia ser usado tanto por crianças cegas quanto com baixa visão de diferentes regiões do país, essa diversidade no perfil dos consultores contribuía para uma avaliação mais apropriada. O ideal teria sido que crianças com o perfil dos usuários finais da AD pudessem ter testado o aplicativo em uso. Contudo, além das questões éticas e legais ligadas ao envolvimento de menores numa atividade como essa, o contexto pandêmico e o fato de o *app* ainda estar em desenvolvimento não contribuíram para isso. De qualquer forma, alguns dos animais e plantas descritos pelo grupo não eram conhecidos por um dos consultores. Seu primeiro contato com descrições da aparência física desses bichos e plantas, como o tuco-tuco, por exemplo, se deu através das ADs do TrAce e o seu feedback foi bastante positivo, levando o grupo a acreditar na validade dessas traduções também para crianças.

15

Figura 4 — *Imagem do tuco-tuco e AD correspondente*



AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia colorida de um tuco-tuco na margem de um rio. O tuco-tuco é um animal que lembra um ratinho e mede cerca de 25 centímetros de comprimento. Ele tem a maior parte do corpo coberto por pelos brancos e macios, com exceção da pele rosada das patinhas, do nariz e do rabo. Suas orelhas são redondas e muito pequenas e seus olhos são pequenos, arredondados e pretos. Acima do seu nariz, localizado na ponta do focinho curto e achatado, ele tem bigodes brancos, finos e longos. O tuco-tuco está no centro da fotografia, voltado para a esquerda, na areia clarinha da margem de um rio.

Fonte: IaraApp

É importante ressaltar que o feedback dos consultores não se restringiu a sugestões de troca de palavras, mas também contribuiu para a fluidez dos textos. De forma geral, as versões enviadas para a análise dos consultores continham frases curtas, como é preconizado pela maioria dos manuais de AD, especialmente quando as descrições visam o público infantil. Contudo, isso acabava muitas vezes dando ao texto um ar telegráfico. Um exemplo das mudanças ocorridas após a intervenção dos consultores pode ser observado num trecho da descrição do logo guará. Inicialmente, o texto era: “Seus olhos são redondos e pretos. Seu focinho, comprido. Seu nariz, preto.” Após o feedback dos consultores, o mesmo trecho passou a ser: “Ele tem olhos redondos e pretos, focinho comprido e nariz também preto”.

16

O projeto, portanto, deu às tradutoras em formação a possibilidade de vivenciar as práticas de revisão e edição, não somente a de criação de roteiros. Além disso, elas tiveram a oportunidade de trabalhar em equipe, desenvolvendo características como a flexibilidade, o espírito de grupo e a habilidade de relacionamento interpessoal. O fato dessa equipe incluir PCDVs foi também um diferencial muito importante. Em primeiro lugar, elas puderam ter contato com a consultoria em AD, uma prática bastante difundida no mercado, e, assim, não só trabalhar para pessoas com deficiência, mas também com elas. Em segundo lugar, esse contato permitiu às tradutoras em formação aprofundar seu conhecimento sobre a própria deficiência visual, garantindo a elas maior capacidade de produzir pensando na realidade do público-alvo, suas necessidades e preferências. Essa parceria com os consultores, inclusive, foi um dos aspectos do projeto mais elogiados pelas alunas.

Outro aspecto importante a ser mencionado a respeito do processo tradutório é que as ADs foram feitas em etapas, já que as imagens a serem descritas também iam sendo criadas à medida que o próprio aplicativo ia sendo desenvolvido. Desse modo, cada diferente ciclo de tradução (ADs das fotografias de animais e plantas, ADs das ilustrações do conto, ADs das fotos dos colaboradores etc.) foi se beneficiando dos aprendizados adquiridos nas fases anteriores, permitindo que as estratégias tradutórias fossem constantemente reavaliadas e

adaptadas, inclusive com base no feedback dado pelos consultores. Essa característica do projeto se alinhou à natureza iterativa e não linear da TCU.

Ao final do processo, depois que o ciclo tradutório completo foi concluído, na fase **post mortem** (*post-mortem*) do projeto, a equipe compartilhou com o restante do grupo de pesquisa todo o processo para a criação das ADs e os aprendizados adquiridos com a experiência. Essas reflexões serviram, inclusive, como base para a escrita de um artigo (Silva et al., 2022), um capítulo de livro (Soares & Silva, 2023) e este estudo de caso, funcionando como **feedback** (*feedback*) para projetos futuros e retroalimentando não só a prática do TrAce, mas de todos aqueles interessados em AD. Agora, **pesquisas de recepção** (*reception research*) podem ser realizadas para verificar, de modo mais acurado, a usabilidade e a experiência do usuário alcançadas pelas ADs criadas.

Considerações Finais

A TCU é uma abordagem bastante recente e ainda pouco conhecida no Brasil. Apesar de práticas semelhantes às etapas sugeridas no modelo já terem se tornado corriqueiras, especialmente entre os tradutores da área da TAVA, seu potencial para a formação de profissionais que lidam com a acessibilidade midiática continua subaproveitado.

Nossa opinião é a de que a mera análise de exercícios práticos feita por professores durante cursos de formação em TAVA não é suficiente para avaliar a adequação dessas traduções. Também acreditamos que poucos tradutores em formação têm tido oportunidade de conviver e trabalhar com pessoas com deficiência para desenvolver as competências necessárias ao sucesso de seus futuros projetos tradutórios. As ferramentas e métodos sugeridos pela TCU nos parecem, portanto, uma resposta possível para esses problemas.

O estudo da experiência do TrAce na audiodescrição do IaraApp é um exemplo de que o uso do ciclo proposto pela TCU traz vantagens para os discentes. A autenticidade das tarefas estimula o engajamento dos estudantes e sua postura profissional e ética. A definição clara do escopo do trabalho e a atenção dada ao público-alvo aumentam as chances de sucesso do produto final. O caráter iterativo e não linear da abordagem permite o trabalho com a edição e a revisão de roteiros. Os testes de usabilidade feitos por usuários em potencial dão aos alunos a possibilidade de interagir e trabalhar com pessoas com deficiência, simulando o que ocorre no mercado de trabalho. Os relatórios *post mortem* permitem uma prática crítica, reflexiva e colaborativa e trazem aprendizado não apenas aos alunos diretamente envolvidos nos

exercícios tradutórios. Por fim, os estudos de recepção estimulam o espírito investigativo e fomentam o surgimento de pesquisadores na área.

Diante desses benefícios e levando em conta ainda que a TCU também se apresenta como uma alternativa que pode ser adotada sem que grandes reformulações curriculares ou investimentos de tempo ou dinheiro sejam necessários, acreditamos que essa seja uma abordagem que mereça a atenção daqueles responsáveis pela capacitação dos futuros tradutores.

Nosso objetivo com este artigo foi o de fomentar a discussão acerca da aplicação prática dos princípios delineados pela TCU e suas implicações para a formação em TAVA. Esperamos, portanto, que esse relato não só venha a contribuir para a popularização da TCU no Brasil, mas também a estimular mais cursos a introduzir experiências com a abordagem em suas práticas formativas. Assim, poderemos juntos testar novas possibilidades e, de fato, caminhar em direção a um modelo de formação mais sólido na área da TAVA na qual perspectivas verdadeiramente centradas no usuário possam ser adotadas.

18 Agradecimentos

Agradecemos a participação das alunas de graduação Andressa da Silva Queiroz, Elaine Alves Soares e Manoela Nunes de Jesus, bem como dos consultores José Ednilson Almeida do Sacramento e Manoel José Passos Negraes, integrantes voluntários deste projeto.

REFERÊNCIAS

- Baños, R., & Díaz-Cintas, J. (2018). Language and translation in film: Dubbing and subtitling. In K. Malmkjaer (Ed.), *The Routledge handbook of translation studies and linguistics* (pp. 313-326). Routledge.
- Di Giovanni, E., & Gambier, Y. (Eds.). (2018). *Reception studies and audiovisual translation*. John Benjamins Publishing Company.
- Esqueda, M. D., Ferreira, G. A., & Moraes, C. F. (2023). “Preparando o terreno”: Palavras introdutórias dos tradutores à tradução do texto de Don Kiraly (2012), Cultivando uma pedagogia da tradução baseada em projetos: uma perspectiva fractal. *Revista Belas Infieis*, 12(1), 01-23. <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v12.n1.2023.46755>
- Greco, G. M. (2018). The nature of accessibility studies. *Journal of Audiovisual Translation*, 1(1), 205–232. <https://www.jatjournal.org/index.php/jat/article/view/51/10>
- Greco, G. M., & Jankowska, A. (2020). Media accessibility within and beyond audiovisual translation. In L. Bogucki, & M. Deckert (Eds.), *The Palgrave handbook of audiovisual translation and media accessibility* (pp. 57-81). Palgrave Macmillan.

-
- Kiraly, D. (2000). *A Social Constructivist Approach to Translator Education*. St. Jerome.
- Nord, C. (2012). Quo vadis, functional translatology?. *Target*, 24(1), 26–42.
<https://benjamins.com/catalog/target.24.1.03nor>
- Perego, E., & Pacinotti, R. (2020). Audiovisual translation through the ages. In L. Bogucki, & M. Deckert (Eds.), *The Palgrave handbook of audiovisual translation and media accessibility* (pp. 33-56). Palgrave Macmillan.
- Reiss, K., & Vermeer, H. J. (1996). *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción* (Reina, S., & De Leon, C., Trad. para espanhol). Akal.
- Silva, M. C. C. C. da (2019). *Para além do visível: Princípios para uma audiodescrição menos visocêntrica* [Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia]. Repositório Institucional da UFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29344>
- Silva, M. C. C. C. da, Jesus, M. N. de, Soares, E. A., & Queiroz, A. da S. (2022). Caminhos para a acessibilidade educacional: audiodescrição das imagens do aplicativo Iara. *GEMInIS*, 12(3), 100-123. <https://doi.org/10.53450/2179-1465.RG.2021v12i3p100-123>
- Soares, E., & Silva, M. C. C. C. da. (2023). Novos horizontes em tradução audiovisual: Audiodescrição de imagens estáticas no aplicativo IaraApp. In L. M. T. R. Baptista, C. D.P. de Souza, A. B. H. de Góes, & I. S. Costa (Orgs.), *Linguagem e interação em foco: Desafios e possibilidades no cenário contemporâneo* (Vol. 2, pp. 25-39). EDUFBA.
- Stake, R. E. (1999). *Investigación con estudio de casos*. Morata.
- Suojanen, T., Koskinen, K., & Tuominen, T. (2015). *User-Centered translation*. Routledge.
- Vercauteren, G. (2014). A translational and narratological approach to audio describing narrative characters. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, 27(2), 71-90.
<https://www.erudit.org/en/journals/ttr/2014-v27-n2-ttr02697/1037746ar.pdf>
- Yin, R. K. (1993) *Applications of case study research*. Sage Publishing.

¹ Another major shift in the approach to AVT traces back to the 1980s and is characterized by a strong focus on users as opposed to texts.

² Potencial de influência do usuário sobre o conteúdo e/ou forma de uma comunicação mediada.

³ The main assumption was that makers know best and that users had neither place, nor their knowledge any value for the design process.

⁴ The consequence has been a shift from maker-centered to *user-centered approaches*.

⁵ A resposta galvânica da pele mede a atividade elétrica das glândulas que produzem suor nas palmas das mãos e pontas dos dedos, mais sensíveis às emoções e pensamentos.

⁶ In this regard, AVT scholars have proved increasingly willing to rely on technology and statistical analysis to interrogate the data under scrutiny, and the study of reception and process has become pivotal in recent academic exchanges, with the viewer becoming the focal point of the investigation. Experimental research based on empirical enquiry has thus become one of the relatively recent developments in AVT as academics are no longer

content with describing a given state of affairs or taking for granted certain inherited premises that have been passed on unchallenged in the literature. Rather, contemporary AVT scholars are eager to test the validity of their theories experimentally, to explore the cognitive effort involved in the translational process, or to describe the effects that AVT practices have on the various heterogeneous groups that make up the audience, on translators-to-be and on professionals working in the field and, in these pursuits, they exploit biometric methodologies, new technologies and statistical data analysis tools.

⁷ Some students displayed use of controversial, discriminatory language. . . . after having completed nearly all of the programme, the vast majority of students displayed a biased mindset. A mindset that could potentially overlook, accept or even produce discriminatory practices, because these courses train the researchers, practitioners and policy-makers of the future. This evidence indicates the need for a complete curriculum overhaul in education and training courses.

⁸ Conjunto de informações para o desenvolvimento de um trabalho.

⁹ Critics have been asking how translators know what the audience expects of a translation. Indeed, it is easy to talk about the audience's expectations but much more difficult to obtain empirical proof of what audiences . . . really expect.

¹⁰ UCT means that we gather as much information about our future users as we can through various methods during the entire translation process, and that we design and revise the translation based on this information.

¹¹ Como não há versão em português do material, ao longo do artigo, apresentamos nossa proposta de tradução acompanhada pelos termos em inglês entre parêntesis.

¹² O detalhamento dos métodos foge ao escopo deste artigo. A título de exemplificação, trazemos o desenvolvimento de *personas*, uma representação fictícia baseada em dados reais sobre características do público-alvo. O dono de uma academia poderia realizar pesquisa entre seus clientes e desenhar a seguinte persona: Paulo, 25 anos, renda mensal de R\$ 3000,00, usa redes sociais diariamente, busca um corpo musculoso, é interessado em competições de fisiculturismo, preocupado com a alimentação e a boa forma.

¹³ Citamos o exemplo dos *fansubs*. Os fãs costumam fazer elogios, críticas e até mesmo sugestões nas páginas ou redes sociais dos grupos responsáveis pelas legendas.

¹⁴ Para cada uma das etapas do projeto (audiodescrição dos animais, das plantas, do vídeo de divulgação etc.) foram produzidas diversas versões até que se chegasse à final.

¹⁵ Uso da lógica, das regras e do design de jogos. No caso do IaraApp, as crianças acompanham as aventuras da Iara e precisam responder perguntas sobre os biomas nacionais para desbloquear as diferentes fases de sua saga pelo Brasil.

¹⁶ A apresentação detalhada das estratégias tradutórias usadas e de exemplos foge ao escopo deste artigo. Para mais informações nesse sentido, consultar Silva et al. (2022) ou Soares e Silva (2023).